



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

RAFAEL RIOS DE SOUZA

**PARQUE RIO NEGRO: A REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA ORLA
DO BAIRRO DE SÃO RAIMUNDO, ALIANDO O LAZER, SOCIABILIDADE E O
TURISMO**

MANAUS
2018

RAFAEL RIOS DE SOUZA

**PARQUE RIO NEGRO: A REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA ORLA
DO BAIRRO DE SÃO RAIMUNDO, ALIANDO O LAZER, SOCIABILIDADE E O
TURISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado do Amazonas para a obtenção
do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Dr^a. Iolanda Aida de Medeiros Campos

MANAUS
2018

RAFAEL RIOS DE SOUZA

**PARQUE RIO NEGRO: A REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA ORLA
DO BAIRRO DE SÃO RAIMUNDO, ALIANDO O LAZER, SOCIABILIDADE E O
TURISMO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas para a
obtenção do título de licenciado em Geografia

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Profa. Dr^a. Iolanda Aida de Medeiros Campos

1º avaliador: Profa. Ma. Maria Helena Carvalho Mourão

2º avaliador: Profa. Ma. Danielle Mariam Araújo dos Santos

Manaus, 4 de Dezembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado o dom da vida, saúde e força para superar as adversidades do dia a dia que (não são poucas).

A esta universidade, a todos os professores, corpo administrativo e a direção, por terem proporcionado uma graduação de excelente qualidade e que oportunizaram e abriram a janela do conhecimento e da crítica que hoje obtenho dentro de mim.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Iolanda Aida de Medeiros Campos, por proporcionar-me uma excelente visão do tema trabalhado nesta pesquisa, por sua disponibilidade, colaboração, correção e incentivo.

A minha Avó/Mãe Emília Gonzaga da Silva, por seu amor incondicional, mas que infelizmente hoje não está entre nós, por ter me acolhido em seus braços no momento em que eu mais precisava.

Aos meus pais, pelos incentivos e todo o apoio e confiança a mim depositado.

Agradeço a minha esposa Evellyn Rabelle Nogueira da Silva, que ao longo desses anos, não só me deu força, mas apoio para vencer cada etapa da vida acadêmica. Obrigado, meu amor, por suportar as crises de estresse e minha ausência em diversos momentos.

Aos queridos amigos (as), Querolen Soares, Raquel Ribeiro, Renato Castro, Sérgio Henrique por todo apoio, incentivo, colaboração em algum momento desta pesquisa e na minha vida acadêmica.

Enfim, a todos que de alguma forma participaram deste momento importante da minha vida.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha avó/mãe Emília Gonzaga da Silva (*in memoriam*), que me ensinou valores importantes para toda a vida.

RESUMO

Ao longo das últimas décadas, a cidade de Manaus passou por diferentes estágios de urbanização, processo que provocou contrastes no espaço urbano da cidade de Manaus. O bairro do São Raimundo, localizado na Zona Oeste de Manaus, é uma demonstração dessas contradições no espaço da cidade de Manaus, representadas nas ocupações em lugares insalubres, como o entorno dos igarapés da bacia do São Raimundo e a orla do Rio Negro. Considerando a ausência de planejamento urbano para a área citada, em 2015 foi inaugurado o Parque Rio Negro, uma obra de revitalização e requalificação na orla do bairro do São Raimundo, se estabelecendo uma verdadeira “porta de acesso para o rio” à população de Manaus, e turistas em geral. Neste sentido, o objetivo da presente pesquisa é analisar de maneira crítica os fatores que levaram o poder público a reorganizar o espaço da orla do Rio Negro no bairro de São Raimundo, antes abandonado e deteriorado, em um espaço com uma boa qualidade de infraestrutura e valorizando o entorno do parque Rio Negro. Do mesmo modo, verificar se o Parque Rio Negro atende aos interesses dos frequentadores e comerciantes, a partir do levantamento das políticas públicas voltadas para o lazer e esporte, além de considerar os aspectos que valorizaram o espaço entorno do Parque Rio Negro. Para responder aos objetivos da pesquisa, utilizou-se do método histórico crítico dialético, e de procedimentos como levantamento bibliográfico e documental, trabalhos de campo, aplicação de questionários e tabulação de dados para avaliação, e elaborar o trabalho de conclusão de curso. Os resultados obtidos no trabalho demonstraram que a finalidade do poder público em reorganizar o espaço da orla do Parque Rio Negro, era de fornecer um espaço de lazer no ambiente urbano, considerando a necessidade desses espaços públicos, tendo em vista a carência desses espaços na cidade, que existem, mas são incipientes comparando-se ao contingente populacional de Manaus. Entretanto, observou-se que o parque necessita de uma maior diversidade de atividades de lazer e de manutenção da infraestrutura, para atrair mais frequentadores e com isso não só beneficiar os moradores locais com a disponibilidade de uma área de lazer, mas também com vistas a dinamizar a economia do lugar, favorecendo o aumento do volume de vendas de produtos dos comerciantes de pequenos estabelecimentos comerciais no entorno e dentro do parque. Esse fato decorre da ausência de políticas públicas voltadas para o lazer e o esporte, que acabam afastando os frequentadores do parque.

PALAVRAS-CHAVE: Parque Rio Negro; Revitalização; Requalificação. Manaus-AM.

ABSTRACT

Over the last decades, the city of Manaus has undergone different stages of urbanization, a process that provoked contrasts in the urban space of the city of Manaus. The neighborhood of São Raimundo, located in the West Zone of Manaus, is a demonstration of these contradictions in the city of Manaus, represented in occupations in unhealthy places, such as the surroundings of the streams of the São Raimundo basin and the Rio Negro. Considering the absence of urban planning for this area, in 2015 the Rio Negro Park was inaugurated, a work of revitalization and requalification on the edge of the São Raimundo neighborhood, establishing a veritable "gateway to the river" for the population of Manaus, and tourists in general. In this sense, the objective of the present research is to critically analyze the factors that led the public power to reorganize the area of the Rio Negro border in the previously abandoned and deteriorated São Raimundo neighborhood in a space with a good quality of infrastructure and valuing the surroundings of the Rio Negro Park. In the same way, to verify if the Rio Negro Park meets the interests of the regulars and merchants, based on the survey of the public policies focused on leisure and sports, in addition to considering the aspects that value space around the Rio Negro Park. To answer the research objectives, the dialectical critical historical method was used, as well as procedures such as bibliographical and documentary surveys, fieldwork, application of questionnaires and tabulation of data for evaluation, and elaboration of the course completion work. The results obtained in the work demonstrated that the purpose of the public power in reorganizing the space of the border of the Rio Negro Park was to provide a space of leisure in the urban environment, considering the necessity of these public spaces, given the lack of these spaces in the city, that exist, but are incipient comparing to the population contingent of Manaus. However, it was observed that the park needs a greater diversity of leisure activities and maintenance of the infrastructure, to attract more regulars and not only benefit the local residents with the availability of a leisure area, but also with a view to boost the economy of the place, favoring the increase of the sales volume of products of merchants of small commercial establishments in and around the park. This fact stems from the absence of public policies aimed at leisure and sports, which eventually distract the park's regulars.

KEY WORDS: Rio Negro Park; Revitalization. Requalification. Manaus-Am.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fluxograma dos Procedimentos Metodológicos	24
Figura 2: Localização da Área de Estudo	25
Figura 3: Bairro do São Raimundo de Antigamente (1990).....	28
Figura 4: Bairro do São Raimundo, 2018.....	29
Figura 5: Mapa Localização da Bacia e da Sub – Bacia do São Raimundo- Manaus (AM)...	30
Figura 6: Área de Intervenção no Igarapé São Raimundo e Caracterização do Entorno	31
Figura 7: Equipamentos de Ginástica do Parque Rio Negro	33
Figura 8: Equipamentos de Ginástica do Parque Rio Negro	34
Figura 9: Orla do bairro do São Raimundo (1990).....	36
Figura 10: Sinalização para Pessoas com Deficiência no Parque Rio Negro	37
Figura 11: Parque do Rio Negro com Vista para o Rio Negro.....	42
Figura 12: Iluminação pública do Parque.....	45
Figura 13: Quiosques do Parque Rio Negro.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Faixa Etária dos Frequentadores do Parque Rio Negro	32
Gráfico 2: Bairros Onde Residem os Frequentadores do Parque	35
Gráfico 3: Forma de Deslocamento dos Frequentadores do Parque.....	38
Gráfico 4: Grau de Escolaridade dos Frequentadores do Parque	39
Gráfico 5: Frequência dos Entrevistados que Visitam o Parque	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Algumas considerações sobre a cidade	12
2.2 Os parques na produção do espaço urbano	14
2.3 Requalificação do espaço urbano	17
3. METODOLOGIA	22
3.1 O método científico	22
3.2 Procedimentos metodológicos	23
3.3 Caracterizando a área de estudo	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
4.1 Alguns aspectos históricos do bairro São Raimundo: pressupostos para o entendimento da dialética histórica na área de estudo	27
4.2 Requalificação da orla do Rio Negro, no bairro São Raimundo: o Parque Rio Negro e o retorno da cidade de frente para o rio	30
4.3 Rrequentadores do Parque Rio Negro	32
4.4 O comércio do parque	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Manaus passou por diferentes estágios de urbanização, efeito das estagnações e prosperidades econômicas ao longo dos dois últimos séculos. Essa alternância provocou contradições no espaço urbano da cidade de Manaus, tornando-o complexo, revelando processos de reorganizações socioespaciais delineado na amplificação da cidade de costas para o rio e sem planejamento urbano.

Para Oliveira (2017), as contradições do espaço urbano das cidades são como um “caleidoscópio: de um lado as moradias insalubres debaixo das pontes e igarapés, e nas ruas e nas favelas; e de outro, condomínios fechados, casas e apartamentos de luxos” (OLIVEIRA, 2017, p. 6). O bairro do São Raimundo, localizado na Zona Oeste de Manaus, é uma amostra dessas contradições na cidade de Manaus, aonde a expansão urbana chegou a lugares insalubres para ocupação, como o entorno dos igarapés da bacia do São Raimundo e a orla do Rio Negro, “reprimindo”¹ a uma parcela da população de Manaus a usufruir de um espaço urbano, de frente para o rio.

Considerando que “a possibilidade de apropriação do rio pela cidade está reduzida” e “há poucas portas para rio”, segundo Oliveira (2017, p.13), no ano de 2015 foi inaugurado o Parque Rio Negro, uma obra de revitalização e requalificação na orla do bairro do São Raimundo, se estabelecendo uma verdadeira “porta de acesso para rio” para a população de Manaus, e turistas em geral.

Nesse contexto, o objetivo da presente pesquisa é analisar de maneira crítica os fatores que levaram o poder público a reorganizar o espaço da orla do Rio Negro no bairro de São Raimundo antes abandonado e deteriorado, em um espaço com uma boa qualidade de infraestrutura e valorizando o entorno do parque Rio Negro. Do mesmo modo, verificar se o Parque Rio Negro atende aos interesses dos frequentadores e comerciantes, a partir do levantamento das políticas públicas voltadas para o lazer e esporte, além de considerar os aspectos que valorizaram espaço entorno do Parque Rio Negro.

Para responder aos objetivos da pesquisa, utilizou-se do método histórico crítico dialético, e de procedimentos como levantamento bibliográfico e documental, trabalhos de campo, aplicação de questionários e tabulação de dados para avaliação, e elaborar o trabalho de conclusão de curso.

¹ A orla no bairro do São Raimundo até meados de 2015, era temido por frequentadores que não moravam na área, devido a diversos fatores, principalmente a ausência de segurança e a paisagem comprometida pelas palafitas e degradação ambiental.

O trabalho foi dividido em quatro sessões, a saber: referencial teórico, metodologia, resultados e discussões, e considerações finais. O referencial teórico aborda algumas considerações pertinentes sobre a cidade, a fim de embasar de forma teórica a produção do espaço urbano, o contexto da criação dos parques e a sua requalificação nesses espaços. A metodologia aborda o método e os procedimentos metodológicos de maneira detalhada, e os resultados e discussões apresentam as argumentações embasadas nos objetivos específicos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CIDADE

Tendo em vista que a presente pesquisa volta-se para a abordagem da transformação espacial da orla do bairro São Raimundo Nonato, na cidade de Manaus, que na atualidade transformou-se em um parque recreativo e ponto turístico. Considerar a construção de parques como um dos componentes da produção do espaço urbano é importante para entendermos os processos que fizeram parte desta transformação socioespacial a partir de um levantamento histórico, partindo de diferentes escalas: global e local.

No entanto, para entendermos os processos de requalificação na produção do espaço dos parques urbanos, é necessário considerar a construção das cidades. De acordo com Oliveira (2008, p.13), conceituar o que é a cidade é uma tarefa difícil dada a sua complexidade, pois para o autor, “[...] a cidade é lugar das contradições, do produzir riquezas, conhecimentos, obras e técnicas, sendo também centro da vida social, política e econômica e principalmente é o lugar do corpo e do espírito”.

Para BEAUJEU-GARNIER (1997), as cidades são uma organização que concentram homens, trabalho, informação, ambos organizados ou passíveis de organização, tornando-se sujeitos e objetos ao mesmo tempo.

Segundo Lefebvre (1999, p.56), as cidades podem ser determinadas como “projeção da sociedade sobre um local, isto é, não apenas o lugar sensível, mas também o plano específico, percebido e concebido pelo pensamento que determina cidade e o urbano”. Essas projeções estão inter-relacionadas com os sujeitos e objetos produzidos em tempos e motivações diferentes, por distintos agentes sociais.

De acordo com Sjørberg (1970), as primeiras cidades remontam a antiguidade, em cerca de 5.500 anos a.c na Mesopotâmica, atualmente o Iraque, nas proximidades do rio Eufrates. Essas cidades pré-urbanas não dominavam a escrita, e a sua comunicação se dava por sons e mais tarde com o surgimento e a criação dos hieróglifos (símbolos que reproduziam conceitos ou coisas), ou seja, os primeiros mapas como forma de representação cultural de uma sociedade.

As cidades da Idade Média (romana, grega, árabe, china), enquanto cidades pré-industriais contribuíram bastante para o avanço das técnicas voltadas para a escrita, agricultura, engenharia entre outras, conhecimentos que serviram como pressuposto para a ascensão das cidades industriais de forma decisiva em meados do século XIX, resultando na concentração espacial de pessoas. No entanto, antes do século XIX em muitos países da

Europa, como Inglaterra e França, a exemplo, já se destacavam como precursoras da produção industrial, onde cada cidade apresentava uma com característica e necessidades peculiares.

Como pode ser observada a cidade está sempre em processo de reconstrução, atendendo as demandas políticas, sociais e principalmente econômicas de cada época. De acordo com Lefebvre (2001, p.12), “a própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção do produto”.

Portanto, existem cidades de diversas características, étnicas, culturais e econômicas e muitas das primeiras cidades surgiram em pontos estratégicos para melhor se desenvolver, e assim, novos ideais e invenções foram surgindo para que conseguissem evoluir. Embora as sociedades das cidades sempre estejam em busca da evolução, toda cidade tem seu começo, seu crescimento, seu auge ou decadência, ou seja, a cidade é dinâmica, passando por vários processos de reconstrução socioespacial.

Nesse sentido, a produção da cidade tem sido orientada pelo capital, em outras palavras, o espaço urbano tem sido a materialização deste sistema econômico. Para Rodrigues (2009, p. 29), o urbano refere-se ao processo de industrialização/urbanização, um modelo de vida que atinge praticamente toda a sociedade [...]”.

A ressalva de Rodrigues (2009) é motivada pelo fato que vivemos em um mundo capitalista, em que a industrialização é a principal força produtiva de uma nação, gerando novas formas de renda no sistema capitalista. A nova modelagem de cidade a partir deste sistema é chamada de cidade moderna, e se dá pela organização humana no espaço, ou seja, pela organização e educação da sua sociedade de uma classe detentora do conhecimento que possibilita o avanço tecnológico.

Neste contexto, o espaço no âmbito deste sistema é produto e meio de reprodução do capital como destacam Moraes e Costa (1987). Os sistemas que valorizam o espaço, e o reproduzem, são processos intimamente ligados à reprodução do capital, ou seja, o espaço geográfico é uma mercadoria e ao mesmo tempo, as relações de troca se dão sobre este espaço. Destaca-se que este processo ocorre no espaço devido à relação intrínseca entre sociedade, espaço e capital, pois a criação de valor de troca faz parte das atividades capitalistas, ou seja, o espaço sempre agregará algum tipo de valor, seja ele concreto ou abstrato.

As cidades mais desenvolvidas têm como principal característica a industrialização aliada à tecnologia, isto de certa forma demonstra dentro do sistema capitalista se uma sociedade é de certa forma moderna, ou seja, do conjunto de países desenvolvidos,

praticamente todos os países do mundo adotam o sistema capitalista, entretanto esse sistema é excludente, significando que nem todos tem acesso aos produtos industrializados e toda a variedade de serviços, promovendo assim uma desigualdade social.

A cidade comporta várias atividades comerciais e de serviços, e no âmbito da divisão social e espacial do trabalho quanto mais complexa se torna a sociedade, mais novas atividades vão surgindo, assim, de acordo com Sjoberg (1970, p.43), “a cidade, desde o seu início como residência de especialistas, tem sido contínua fonte de inovação”. De fato, o próprio aparecimento das cidades acelerou fortemente a transformação social e cultural.

Outro fator a ser observado é que principalmente nas grandes cidades o ritmo de trabalho é elevado e a imobilidade no trânsito é provocada por constantes congestionamentos, devido ao aumento populacional, isso gera estresse nos seus habitantes, necessitando com isso cada vez mais de áreas de lazer e buscando formas de minimizar tal efeito produzido pelo ritmo do sistema capitalista imposto à sociedade.

Uma alternativa para sanar com a problemática supracitada é buscar por espaços de que possam ser exercidas atividades esportivas, de lazer, de encontro entre pessoas e recreação, contando ainda com a possibilidade de se desfrutar da contemplação de uma paisagem natural, por isso na atualidade se verifica o aumento da demanda por estes espaços, considerando a sua necessidade.

2.2 OS PARQUES NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Assim como as cidades, os parques urbanos remontam a tempos pretéritos. Os primeiros parques com registro na história foram Ágora Grega e o Fórum Romano (ÁVILA, 2011). Sabendo que os parques acompanham o paradigma de cada sociedade, temos o seguinte cenário: de espaços do filosofar para refúgio do (re) encontro com a natureza das sociedades industriais.

Essa ideia de parque está diretamente associada à reestruturação e requalificação dos espaços livres verdes, cuja evolução segundo Loboda e De Angelis (2005), está ligada a arte da Jardinocultura desenvolvida no antigo Egito e na china, mas foi a ideia de jardinagem egípcia que posteriormente disseminou esta prática para o mundo ocidental, sendo levada pelos gregos, persas, romanos, árabes e posteriormente italianos e franceses. Neste mesmo período, a China era conhecida pelo território dos jardins naturalistas – tendo sua forma de jardim voltada para o cunho religioso e espiritual –, influenciando também o Japão na adoção

das características supracitadas. No entanto, no Japão, somente os nobres dotavam suas propriedades de tal benefício, tendo uma área de passeio e recreação dentro de seus palácios.

Porém, com a ideia de que a cidade tende a evoluir e obtendo novas formas de requalificação espacial, ou seja, tendem a ter uma melhora significativa de reestruturação não deixando de lado a evolução da sociedade que nela habita, foi tão somente na Grécia que se desenvolvem as primeiras formas de espaços livres, áreas de passeios e lazer para a sociedade, assumindo função pública, logo depois Roma que era detentora de jardins privados, sendo de propriedade apenas dos nobres, segue o exemplo da Grécia e também transforma espaços privados em espaços livres em favor de uso da comunidade. Enquanto a Idade Média é caracterizada por um período no qual a construção de parques de lazer ficou estagnada, restringindo-se apenas aos jardins de influência árabe, constituídos de árvores frutíferas e aromáticas, (Loboda e De Angelis, 2005).

Foi a partir do século XV e XVI, ou seja, no período do Renascimento na Europa, que a concepção e produção dos primeiros espaços livres floresceram, sendo estes os precursores dos parques urbanos. Tal fato ocorreu pelas várias transformações espaciais realizadas neste período, que posteriormente contribuiriam para uma nova requalificação dos espaços públicos urbanos, encaixa-se como exemplo dessa consolidação dos parques públicos o Jardim italiano ou jardim renascentista, o qual proporcionava ao espaço uma nova forma de organização espacial e de se pensar, conforme argumentam Loboda e De Angelis (2005). Ainda para os autores supracitados, os esses espaços livres mobilizaram a população local para transformá-los em um meio ambiente saudável, um verdadeiro símbolo de defesa do meio ambiente, devido à degradação ambiental que estavam surgindo pelo contexto político e econômico da época.

No século XVII, segundo Wendel (2009), os jardins urbanos da França e todos os seus entornos se transformaram em parques, a França com seus jardins influenciaram na criação de parque e praças abertos à população, tendo como característica o fato da maioria das árvores serem plantadas de forma ortogonal, representando o ápice do conhecimento em botânica e estética da época.

Desta feita, foram construídos os primeiros parques urbanos no final do século XVIII, mais precisamente no período da revolução industrial, ou seja, nas principais cidades da Europa, com destaque para a Inglaterra, com o intuito de promover um lugar específico, para fins de lazer ao ar livre, recreação ou para simplesmente fugir da ociosidade e de buscar um lugar com maior higiene.

Destaca-se que na época da revolução industrial as cidades não contavam com infraestruturas para suportar milhões de migrantes, o ambiente era de insalubridade, fazendo com que os cidadãos ficassem expostos a doenças e infecções e demandava mais recursos para o atendimento às pessoas doentes, ocasionando prejuízo financeiro aos cofres públicos. Para Loboda e De Angelis (2005, p.128), o fato de observar a natureza e entendê-la como um espaço aberto, ilimitado a quem o homem deveria se submeter, fez dos ingleses os pioneiros na idealização e criação dos primeiros parques públicos como hoje os conhecemos.

Assim sendo, a Inglaterra país mais industrializado da época, tende a se destacar na criação de maquinários industriais para diversas áreas e segmentos, que antes contava com a mão de obra apenas do homem, com isso uma grande massa de cidadãos migra do campo para a cidade de Londres, em busca de uma nova perspectiva de vida, o que resultou num processo de urbanização conforme aponta Spósito (2000):

A expressão da urbanização via industrialização não deve ser tomada apenas pelo elevado número de pessoas que passaram a viver em cidades, mas, sobretudo porque o desenvolvimento do capitalismo industrial provocou fortes transformações nos moldes da urbanização, no que se refere ao papel desempenhado pelas cidades, e na estrutura interna destas cidades (SPÓSITO, 2000, p. 58).

Desta feita, sabe-se que as cidades sofreram grandes transformações sociais, culturais e econômicas. No entanto, foi a partir da industrialização que as cidades sofreram as maiores transformações espaciais, pois a indústria foi a responsável pela requalificação das cidades, ou seja, o capitalismo de consumo era o marco inicial, para reestruturação na busca do desenvolvimento científico e tecnológico.

Os parques urbanos eram ambientes direcionados ao uso da burguesia, ou seja, de pessoas que pertenciam a uma classe social superior, mas foi somente no início do século XIX, que os parques urbanos realmente foram abertos ao público independente da classe social.

Em meados do século XIX os parques urbanos da Europa começam a se desenvolver e a ganhar uma nova estrutura, tal qual era o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população. Os ingleses adotam a ideia de que os parques agora pertencem a áreas de espaços livres da cidade, diante da demanda por esporte, logo se vê a necessidade de agregar aos parques, não só a prática esportiva como também áreas de lazer são colocadas internamente nos parques ingleses. Desta feita Lima (1994, p.15), conceitua parque urbano como “uma área verde, com função ecológica, estética e de lazer, entretanto com uma extensão maior que as praças e jardins públicos”.

Além da Europa, em meados do século XIX, na América do Norte, destaca-se uma nova forma de promover o conceito de parques urbanos no mundo. Os Estados Unidos da América, por intermédio do Arquiteto Frederick Law Olmsted o Central Park, localizado na cidade de Nova Iorque, Frederick Law aposta em uma dinâmica de gramados mais extensos com lagos para abrigar animais aquáticos e extensa área de vegetação.

Destaca-se que toda essa característica vem muito antes de tudo no qual se fala nos dias atuais a respeito de políticas públicas voltadas para a preservação e conservação do meio ambiente. Como sabemos nos dias atuais a cidade de Nova Iorque é uma metrópole, com muitos prédios e cada um mais alto que o outro, Frederick Law já apostava no crescimento em massa da cidade e que a mesma deveria buscar uma área que fosse destinada a um grande parque antes que fosse tarde de mais. Desta forma, os autores Macedo e Sakata (2003), tecem o seguinte argumento sobre os parques urbanos:

Todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica e auto-suficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno (MACEDO e SAKATA, 2003 p. 14).

Observa-se, que independente do recorte espacial e/ou temporal, a criação dos parques urbanos utiliza-se de discursos que se relacionam a uma melhor qualidade de vida para a sociedade, a recreação em família, à natureza existente no local, seja pelo meio antrópico ou natural, ou seja, aspectos relacionados com a paisagem, cuja categoria serve como conexão para a sociedade ter o contato com a “primeira” natureza, por intermédios dos parques urbanos.

2.3 REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

De acordo com Sjøberg (1970), as cidades sofreram transformações ao longo do tempo. As transformações que o autor descreve são resultado das mudanças do modo de produção, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Sobre este aspecto Lefebvre (1991), afirma que houve uma verdadeira desestruturação no espaço e no tempo.

Neste sentido, se observa que as paisagens das cidades industriais se diferenciam das paisagens das cidades de tempos passados, como por exemplo, as primeiras cidades na Mesopotâmia, as cidades da Idade Média e cidades pré – industriais. A concentração das indústrias nas cidades ocasionou uma série de processos, principalmente o êxodo rural, transformando o espaço geográfico da cidade em *locus* de horizontalidades e verticalidades,

ou seja, nas palavras de Sjøberg (1970) e Lefebvre (1991), os processos recebidos pela cidade nessa perspectiva ocasionaram a reestruturação da mesma. Ainda sobre esse processo de reestruturação do espaço urbano Soja (1993), argumenta:

A reestruturação, em seu sentido mais amplo, transmite a noção de uma “freada”, senão de uma ruptura nas tendências seculares, e de uma mudança em direção a uma ordem e uma configuração significativamente diferentes da vida social, econômica e política. Evoca pois, uma combinação sequencial de desmoronamentos e reconstruções, de desconstruções e tentativas de reconstrução, provenientes de algumas deficiências ou perturbações nos sistemas de pensamento e ação aceito (SOJA, 1993, p. 193).

A reestruturação do espaço urbano, portanto, tem ocorrido em função dos modelos de produção que foram alterados de maneira profunda, transformando também os modos de vida da sociedade, a sua economia e política. Primeiro houve um processo de desestruturação das cidades ao longo do tempo, ocasionada pela forma acelerada como cresceu a população nas cidades, causando problemas de falta de saneamento, insalubridade, falta de áreas de lazer, desta forma fazia-se necessária a reestruturação destas.

Nessa perspectiva, Emídio (2006), cita estudos relacionados ao desenvolvimento das cidades, embasada nos teóricos Kenneth Frampton e Miriam Guseviche, os quais destacam três abordagens diferentes para controle dos problemas ecológicos e urbanos. O primeiro se refere ao tratamento dos resíduos industriais, o segundo no entendimento que para minimizar os problemas ambientais, era necessário elaborar diferentes metodologias, e o terceiro, refere-se à:

[...] valorização e vitalidade dos lugares públicos urbanos, responsáveis pela reconstrução de um espaço de representação urbana, em oposição à tendência de privatização e isolamento, em razão do individualismo, da insegurança ou mesmo das configurações propostas pela especulação imobiliária (FRAMPTON e GUSEVICHE apud EMÍDIO, 2006, p.76).

Desta feita, é possível notar que existe uma crítica no modelo de produção do espaço progressista, e uma aspiração pelo retorno de um contato com a natureza, haja a vista que, a cidade também é lugar de cuidar do espírito como ressalta Oliveira (2008). Nesse sentido, reforçando a necessidade de um espaço urbano mais acolhedor para os seus moradores, através de um contato mais efetivo com a natureza, Santos (1988) faz a seguinte assertiva:

[...] a respeito dessas novas realidades que tais especializações na utilização do território – sejam elas originalmente naturais ou culturais, ou provenham de intervenções políticas e técnicas – significam uma verdadeira redescoberta da

Natureza ou pelo menos uma revalorização total, na qual cada parte, isto é, cada lugar, recebe um novo papel, ganha um novo valor (SANTOS, 1988, p.11).

Para tanto, o processo de requalificação da cidade industrial foi necessário para que esse contato com a natureza ocorresse, a partir de um viés culturalista. Considerando que “No modelo culturalista, entretanto, prevalece a concepção da cidade como uma entidade cultural e histórica, seja pelo ponto de vista estético ou sociopolítico” (EMÍDIO, 2006, p.77). Ou seja, nesta perspectiva há uma valorização da cultura, sendo necessária a criação de espaços dentro da cidade para o exercício das atividades culturais das sociedades nela inseridas.

O modelo culturalista, segundo o autor caracteriza-se também por “Seus princípios [que] são humanistas e pretendem recuperar a organicidade urbana perdida em função da pressão exercida pelo processo da industrialização”. Ele também argumenta que “nesse modelo, exemplificado na cidade jardim de Ebenezer Howard (1850-1928), a intervenção no urbano deve estar circunscrita a limites definidos, criando núcleos menores, de modo a restabelecer o equilíbrio com a natureza [...]”. (EMÍDIO, 2006, p.77).

Nesse sentido, a ideia de criar os parques urbanos parte da experiência de retomada do contato do homem com a natureza, sendo necessário requalificar os espaços das cidades. Para Sjøberg (1970), a requalificação se dá no sentido de reordenar, reorganizar o espaço urbano da cidade, no intuito de melhor atender a população que ali reside. Outros autores têm abordado o tema sobre a requalificação do espaço como uma das ações frequentes do poder público atual, conforme pode ser observado na definição deste termo a seguir:

Atualmente, a requalificação urbana é considerada como um eixo prioritário nas intervenções urbanas, possibilitando uma operacionalização no tecido físico e social, ou seja, permite (re)criar uma nova estética em função do desenho já existente de uma cidade. A requalificação permite ainda uma revitalização das áreas mais antigas das cidades, que correspondem aos centros históricos, e que se encontram em risco de decadência, de abandono e de degradação. Todavia, a requalificação urbana não pode canalizar as suas intervenções só para o centro histórico, mas também para as áreas envolventes a esta e que se encontram sujeitas à ação interventiva do Homem. Neste sentido, o conceito de requalificação urbana tem evoluído constantemente em função dos atuais problemas verificados no espaço urbano (SILVA 2011, p. 46).

Concordando com Silva (2011) quando defende a ideia de que a requalificação do espaço urbano não está direcionada apenas para revitalizar espaços produzidos em tempos passados, mas também para agregar outros espaços que estavam em desuso, este é o caso da orla do bairro de São Raimundo, que por muito tempo não estava utilizada pela comunidade local e com o processo de revitalização essa área foi alvo de uma reestruturação espacial, recebendo com isso novos usos, entre eles tornou-se um espaço de lazer.

Entretanto, a cidade tem sido produzida para facilitar a reprodução do capital, porém no seio da sociedade há o imperativo da necessidade do lazer, por esse motivo no processo de produção do espaço urbano há também a materialização desses espaços de lazer, que se tornam o lugar de encontro das comunidades. Assim, a individualidade que é imposta pelo capital é amenizada com a existência desses espaços. Sobre este aspecto da produção do espaço urbano Oliveira (2008) faz a seguinte argumentação:

Sendo reguladas pelo mundo da mercadoria, passando a ser relação de coisas. Neste sentido, a cidade é o lugar da troca e da modificação da vida. Porém, este nível é ultrapassado quando o espaço de lazer é reencontrado e a cidade torna-se o lugar da festa e dos acontecimentos, significando possibilidades que ensejam o controle, a apropriação do espaço e do domínio do tempo pelos moradores especialmente, mas não apenas os mais pobres (OLIVEIRA, 2008, p. 14).

Oliveira (2008) explicita de forma clara e objetiva como os espaços de lazer, e dentre eles podemos considerar os parques urbanos, atendem à população em relação às suas necessidades de lazer em meio ao espaço urbano, e como as gerações humanas se transformam ao longo do tempo, essas mudanças vão se refletindo no espaço e consequentemente, as áreas de lazer apresentam novos conteúdos.

Desta forma, os parques urbanos fazem parte do processo de urbanização, e ao longo do tempo, acompanharam as diversas transformações que a cidade sofreu. Essas modificações estruturais que a cidade experimentou, refletiu também na organização dos parques urbanos, cuja, as modificações dos primeiros parques passaram por melhoramentos e adequações para atender a diferentes demandas do espaço urbano.

Os parques se apresentam como formas espaciais que atendem as necessidades de lazer da população urbana na atualidade, onde cada cidade tende a modificar ou adequar-se ao que lhe convém, melhorar e difundir a ideia de requalificação do espaço urbano. Nesse sentido, Carneiro e Mesquita (2000), fazem a seguinte conceituação de parques:

Parques são espaços livres públicos com função predominante de recreação, ocupando na malha urbana uma área em grau de equivalência superior à da quadra típica urbana, em geral apresentando componentes da paisagem natural – vegetação, topografia, elemento aquático – como também edificações destinadas a atividades recreativas, culturais e/ou administrativas (CARNEIRO e MESQUITA, 2000 p. 28).

Na citação de Carneiro e Mesquita (2008) fica evidente a contradição que a cidade emana, principalmente quando a discussão envolve parques urbanos. De um lado temos uma cidade que é estruturada para o trabalho e habitação, e de outro para o lazer. De acordo com Oliveira (2008), esses espaços de lazer são identificados como porções da vida, ou seja, [...]

como contraponto ao isolamento da metrópole, como possibilidade de estar junto como elo que pode retomar o relacionamento fraterno entre homens e mulheres, superando o entendimento de cidade como o caos (p.13).

Por isso, o discurso do (re) encontro do homem com a natureza não é o único motivo para a transformação dos parques urbanos em local de lazer. Cabe destacar inconstâncias da economia mundial globalizada, e seus impactos em diferentes escalas, principalmente na cidade, local de reprodução do capital. Neste sentido os parques urbanos se configuram como um lugar na cidade, que a partir da sua revitalização e requalificação, passa a ser frequentado, e conseqüentemente, há uma valorização deste espaço e do seu entorno, se configurando como mais uma premissa da reprodução e acumulação do capital.

Destaca-se que a revitalização urbana é “o resgate de edifícios históricos, reestruturando áreas centrais, desenvolvendo e privilegiando o comércio da área” (ARANTES; MARICATO; VAINER, 2000, p. 44). As restaurações dessas edificações dão um novo valor ao espaço urbano, requalificam-no, valorizando o antigo no novo. Desta feita, é o que afirma Santos (2012), essa contradição entre novo e antigo de rugosidades, ou seja:

[...] ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. (SANTOS, 2012, p. 140).

Essas formas “do passado” influenciam o espaço presente e futuro, ocasionado pela cultura, uma verdadeira impressão do tempo no espaço. Essa impressão é apropriada pelo capital, que faz uso dessa relação da sociedade com o espaço, e dá valor ao mesmo. De acordo com Moraes e Costa (1987):

[...] Assim, a relação sociedade-espaço é, desde logo, uma relação valor-espaço, pois substantivada pelo trabalho humano. Por isso, a apropriação dos recursos próprios do espaço, a construção de formas humanizadas sobre o espaço, a perenização (conservação) desses construtos, as modificações, quer do substrato natural, quer das obras humanas, tudo isso representa criação de valor (MORAES E COSTA 1987, p. 124).

Portanto, a dialética entre as diferentes classes sociais no processo de produção do espaço ao longo do tempo cria diferentes estruturas espaciais, onde as mesmas são apropriadas para a valorização no contexto do sistema capitalista. Desta forma, quanto mais trabalho for agregado na produção do espaço, através da construção de infraestruturas mais valor de mercado será agregado a ele.

3. METODOLOGIA

3.1 O MÉTODO CIENTÍFICO

A presente pesquisa foi embasada pelo método histórico crítico dialético, por considerar o espaço geográfico como “[...] base da vida social, e sua organização como reflexo da atividade econômica (MORAES, 2005, p. 124)”, ou seja, os parques urbanos fazem parte da organização da cidade, e conseqüentemente, com as atividades econômicas.

Para entender a revitalização da área de estudo, foi necessário compreender como a história da sociedade influenciou na produção desse espaço para a área de lazer, sociabilidade e turismo. Destaca-se que o método histórico crítico dialético alicerça a pesquisa, pois analisa a história a partir do movimento. “[...] Esse movimento ocorre quando, na confrontação de tese e antítese, a síntese contém aspectos positivos da tensão anterior, e apresenta-se como estágio superior que, por sua vez, se coloca também como uma nova tese” (SPÓSITO, 2004, p. 44).

Portanto, o método escolhido alia o tempo e o espaço, associando com a crítica dos acontecimentos a partir do levantamento de uma constante análise crítica das teorias que envolvem o tema, a fim de trazer novas informações e indagações no que se refere ao objeto de estudo.

O método histórico crítico dialético não descarta as análises quantitativas, desde que as mesmas sejam analisadas criticamente conforme afirma Spósito (2004). Portanto, considerando o método científico da presente pesquisa, os métodos de procedimentos envolveram a análises quantitativas e qualitativas.

Quanto a Gil (2008) ele afirma que “as pesquisas fundamentadas no método dialético distinguem-se bastante das pesquisas desenvolvidas segundo a ótica positivista, que enfatiza os procedimentos quantitativos”. Para Chizzotti (2005), as duas abordagens são:

[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é a parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 2005, p.79).

Assim sendo, a presente pesquisa traz esse viés quantitativo somado ao método qualitativo e dialético, no intuito de atender os objetivos propostos da pesquisa.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A primeira etapa consistiu no levantamento bibliográfico a partir de autores que abordam o tema, com o objetivo de consubstanciar teoricamente o tema em discussão. Essa bibliografia refere-se a livros, documentos, artigos relacionados à pesquisa. Para Gil (2002, p.45), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente [...]”.

A segunda etapa compreendeu ao levantamento de documentos oficiais que trataram da área de estudo. Ainda para Gil (2002):

[...] na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas: Há, de um lado, os documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc. De outro lado, há os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. (GIL 2002, p. 46).

A terceira etapa se deu pela pesquisa de campo, com o objetivo de observar as transformações socioespaciais. De acordo com Marconi e Lakatos (2003):

[...] a pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (MARCONI e LAKATOS, 2003, p.18).

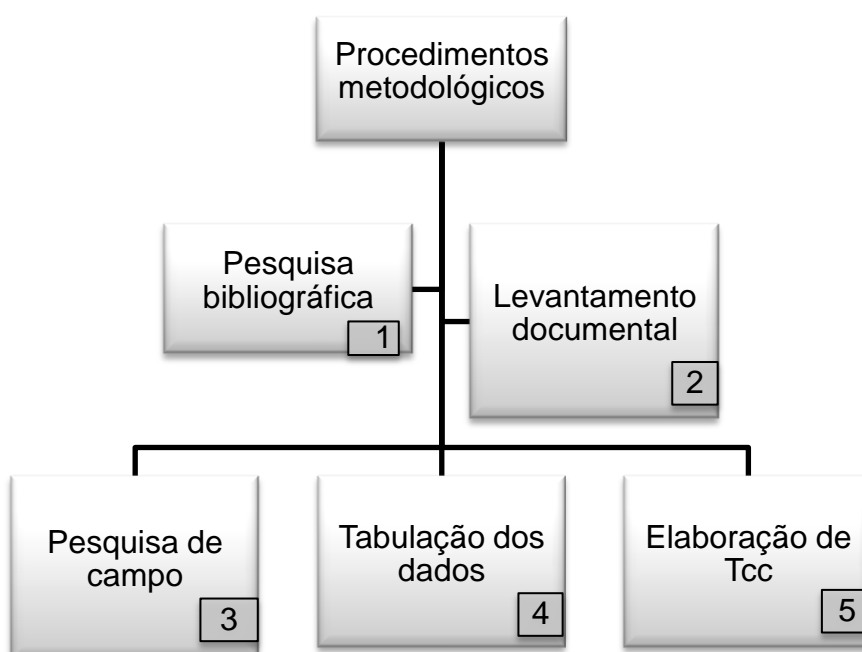
O trabalho de campo possibilitou a obtenção de informação com aplicação de questionário e entrevistas sobre a opinião dos usuários do Parque Rio Negro, em relação aos benefícios ou não do processo de requalificação desse espaço. Segundo Chizzotti (2005, p.57), “é uma comunicação entre dois locutores, o pesquisador e o informante, onde o informante responde sobre algumas perguntas específicas, com a finalidade de esclarecer uma questão”.

Além disso, foi possível observar as modificações que ocorreram na estrutura espacial dessa área. O critério de seleção foi o fator, visitantes e comerciantes que possuem alguma atividade de comércio dentro ou no entorno do Parque Rio Negro, ou seja, os frequentadores e alguns comerciantes que responderam o questionário, desses, grande parte dos comerciantes residem no mesmo bairro onde se localiza o Parque.

Após a aplicação dos questionários, as informações foram tabuladas em planilhas de Excel para a confecção de tabelas, e também a elaboração de mapas, consistindo na quarta etapa dos procedimentos metodológicos. Fundamentado através do referencial teórico, nos trabalhos de campo e na coleta de dados, que resultaram no desenvolvimento da pesquisa, e elaboração do trabalho de conclusão.

Os procedimentos metodológicos envolveram 05 etapas, como apresentado no fluxograma a seguir:

Figura 1: Fluxograma dos Procedimentos Metodológicos

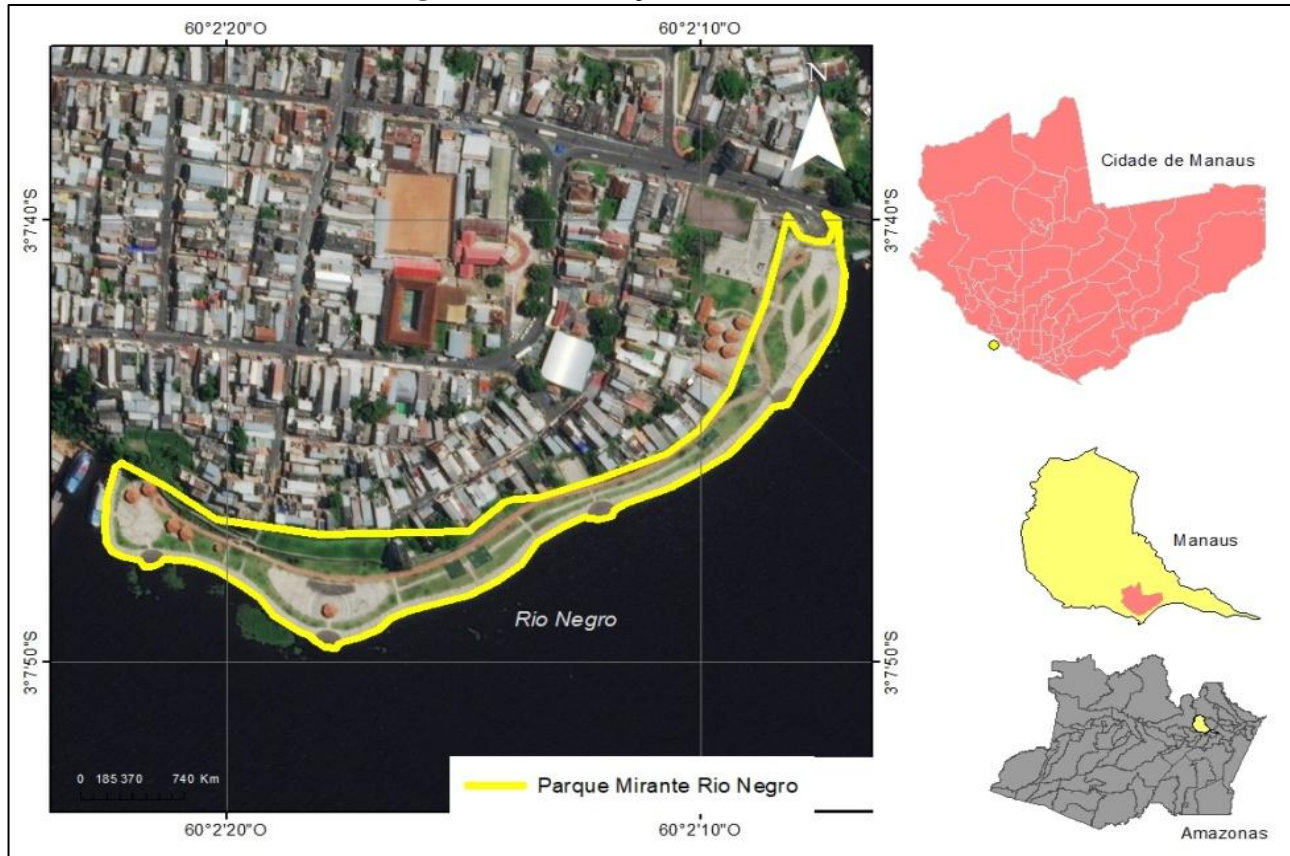


Elaboração: Rafael Rios, 2018.

3.3 CARACTERIZANDO A ÁREA DE ESTUDO

O Parque Rio Negro localizado no bairro de São Raimundo, foi construído em uma parte da orla do bairro, a mesma foi totalmente (re) estruturada trazendo uma nova infraestrutura, ou seja, sendo totalmente reorganizada, proporcionando e interferindo positivamente na qualidade de vida para a população local e seus frequentadores. Hoje o Parque Rio Negro atrai milhares de pessoas em busca de lazer em família, práticas de esporte e sociabilidade, a seguir o mapa de localização do Parque Rio Negro:

Figura 2: Localização da Área de Estudo



Fonte: IBGE (2010); Google Earth (2018).

Elaboração: Rafael Rios 2018.

Assim como na maioria das cidades brasileiras, em Manaus não é diferente, a um elevado déficit no que diz respeito a espaços de lazer com as características do Parque Rio Negro, e os que existem na maioria das vezes não estão ao alcance da maioria da população, principalmente a de baixa renda, pois estes espaços são distantes e requerem o gasto de tempo e de verba para o deslocamento, porém a construção do Parque Rio Negro veio a trazer benefícios para os moradores locais, de bairros adjacentes e para frequentadores de outras zonas da cidade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DO BAIRRO SÃO RAIMUNDO: PRESSUPOSTOS PARA O ENTENDIMENTO DA DIALÉTICA HISTÓRICA NA ÁREA DE ESTUDO

O regaste da história do bairro São Raimundo é de suma importância no que se refere ao entendimento da dialética histórica na área de estudo. Esse entendimento parte do reconhecimento dos aspectos espaciais em tempos pretéritos, a fim de compará-los com o tempo presente, a partir da requalificação de um elemento no bairro, no caso, a orla do Rio Negro.

De acordo com Souza (2008, p. 7), o bairro São Raimundo “[...] foi o primeiro aglomerado de residências afastado do berço da cidade”. Esse fato é notável quando remetemos a circunstância da época: Manaus vive o auge do ciclo da borracha na Amazônia, entre os anos de 1879 e 1912, onde a cidade recebeu grandes fluxos migratórios.

Esse aglomerado de residências passou a ser considerando o bairro São Raimundo, em 1849, Souza (2008). Segundo Alencar (1985), o estabelecimento de aglomerado no bairro teve influência da igreja católica, a partir do recebimento do terreno por meio de doação dos irmãos Raimundo, Francisco e Maria, herdeiros do terreno, e da promulgação do terreno doado para o Governo do Estado.

Além da data de promulgação do bairro São Raimundo, Souza (1985, pp. 49-52) destaca também algumas datas importantes para o bairro do São Raimundo a título de contribuição para entender o processo histórico de ocupação do mesmo:

- 1856 – Os primeiros moradores demarcam uma área entre as ruas Virgílio Ramos e a Cinco de Setembro para o cemitério;
- 1904 – Criada a Escola São Luiz de Gonzaga pelo jovem seminarista Augusto Ferreira Cunha, sob orientação de D. José Lourenço da Costa Aguiar;
- 1911 – Chega a luz elétrica nas casas;
- 1917 – Passam a funcionar as três escolas no prédio do antigo mercado, as quais deram origem ao Grupo escolar Olavo Bilac.
- 1917 – Criada a primeira delegacia;
- 1920 – Chega a água no Governo Ephigênio Salles;
- 1924 – Chega a luz nas ruas;

- 1930 – Primeiros alicerces de concreto da ponte que liga São Raimundo à Aparecida;
- 1934 – Inaugurado pelo Padre Carlos Fluhr o Cemitério Santa Helena;
- 1987 – Inauguração da Ponte Fábio Lucena que liga o bairro São Raimundo ao de Aparecida.

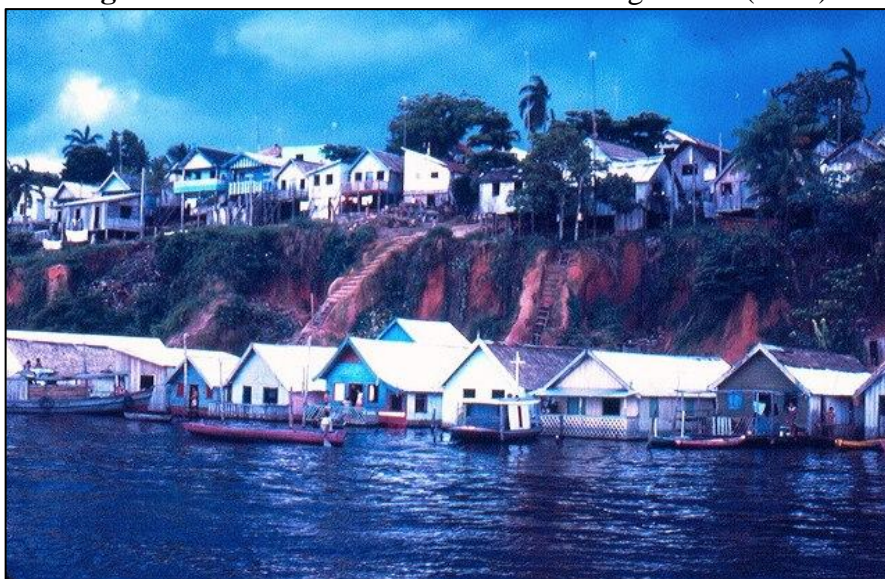
Ainda para o autor, [...] para o mais rápido povoamento do Bairro e aumento do número de fiéis, a Arquidiocese passou a aforar terrenos de cerca de 10 metros de frente, por fundos que chegavam até 60 metros [...] (ALENCAR, 1985, p. 11).

A ocupação do bairro São Raimundo ocorreu principalmente no entorno dos igarapés, um modelo de ocupação típico da Amazônia. De acordo com o Relatório de Requalificação Urbanística do Parque Rio Negro (2013)

A ocupação da microbacia em foco seguiu o mesmo roteiro histórico dos demais igarapés da cidade, onde a ausência do poder público no planejamento urbano leva às ocupações irregulares e manejo incorreto dos igarapés, poluindo-os através da grande quantidade de resíduos e, principalmente, do lançamento de esgotos domésticos (FERREIRA; FIAMENGI; TAVEIRA, 2013, p. 10).

A intensificação do processo de ocupação no bairro São Raimundo, principalmente na microbacia do Igarapé São Raimundo, foi influenciada pela implantação da Zona Franca de Manaus (ZFM), por volta do final da década de 1960, que associado à ausência de saneamento básico e planejamento urbano, ocupações irregulares passaram a fazer parte do entorno dos cursos de água do bairro, principalmente do igarapé São Raimundo (Figura 3).

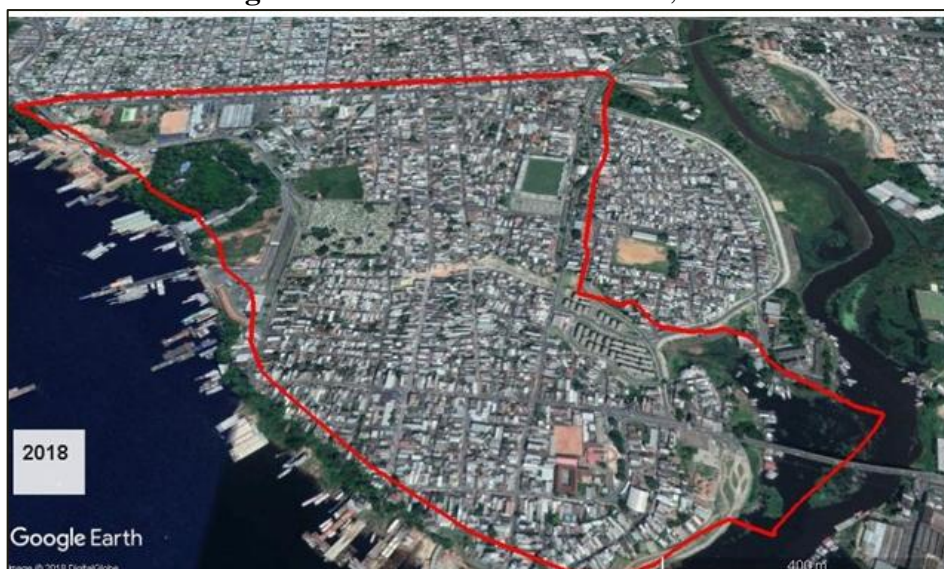
Figura 3: Bairro do São Raimundo de Antigamente (1990)



Fonte: <http://manausdeantigamente.blogspot.com>, 2013.

Na figura 3 é possível observar a ocupação irregular, localizada no entorno dos cursos d'água, ambiente inapropriado para o “morar”, mas atrelado a cultura ribeirinha, arraigado nos moradores da região. O crescimento dessas palafitas e moradias fez parte do crescimento urbano da cidade de Manaus ao longo das últimas décadas, transformando o pequeno aglomerado do século XIX em um bairro com cerca de 32.247 habitantes, de acordo com o último censo demográfico (IBGE, 2010). O crescimento não planejado do bairro transformou as paisagens naturais em verdadeiros elementos artificiais, constituindo áreas de extremas vulnerabilidades sociais para os residentes (falta de saneamento básico, falta de infraestrutura, lixo nas vias, animais nocivos à saúde), principalmente no entorno do igarapé São Raimundo (Figura 3).

Figura 4: Bairro do São Raimundo, 2018



Fonte: Google Earth (2018)

Organização: Rafael Rios (2018)

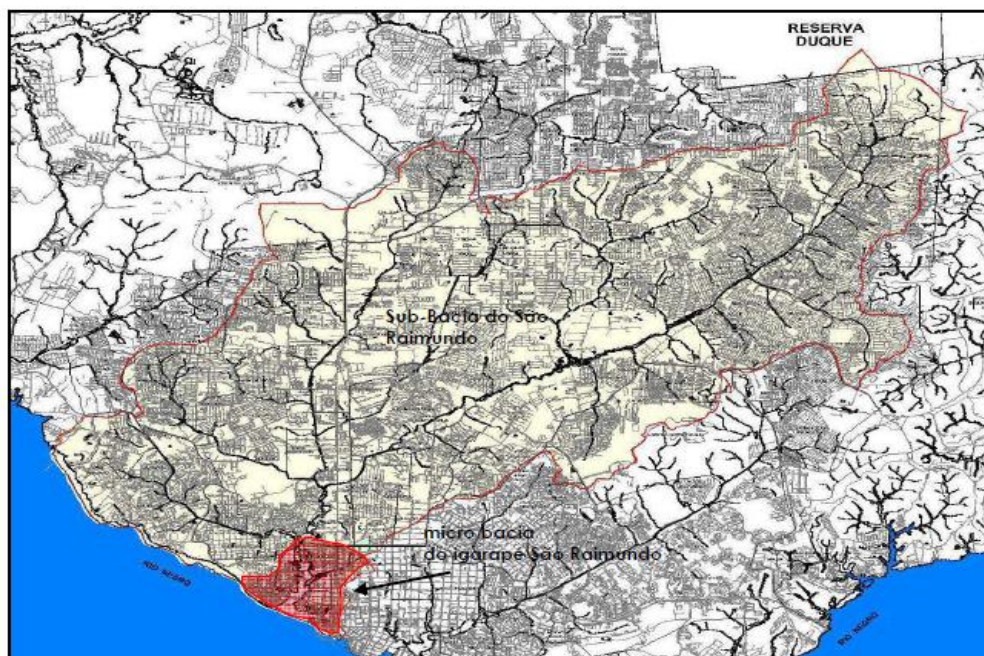
Desde as primeiras ocupações do bairro São Raimundo, até os dias atuais, (Figura 4), a paisagem urbana do bairro sofreu bastante alteração, resultado do crescimento populacional do local, principalmente nas margens dos cursos d'água, situação que mudou na última década, devido à requalificação da orla do bairro São Raimundo, e a implantação do Parque Rio Negro.

4.2 REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO RIO NEGRO, NO BAIRRO SÃO RAIMUNDO: O PARQUE RIO NEGRO E O RETORNO DA CIDADE DE FRENTE PARA O RIO

O município de Manaus é o mais urbanizado da Amazônia Legal, conforme o censo de 2010 do IBGE, a população da cidade concentrava 1.792,881 habitantes, que corresponde a 99,5% da população do município de Manaus, e densidade demográfica de 3,5 hab./km², com população estimada em 2018 de 2.145.444 de habitantes (IBGE, 2018). A expansão da cidade de Manaus teve como principal indutor a implantação da Zona Franca de Manaus (ZFM), por volta de 1967, atraindo um intenso fluxo populacional na cidade. O crescimento populacional da cidade influenciou de maneira direta em novos aglomerados nos bairros mais antigos, a exemplo o Bairro São Raimundo e posteriormente, a criação, ou surgimento de novos bairros.

A ausência de planejamento urbano acarretou graves problemas, principalmente os de ocupação irregular em áreas inapropriadas, como o entorno do Rio Negro no bairro do São Raimundo, localizado na bacia hidrográfica do São Raimundo (Figura 5).

Figura 5: Mapa 1
Localização da Bacia e da Sub – Bacia do São Raimundo- Manaus (AM)

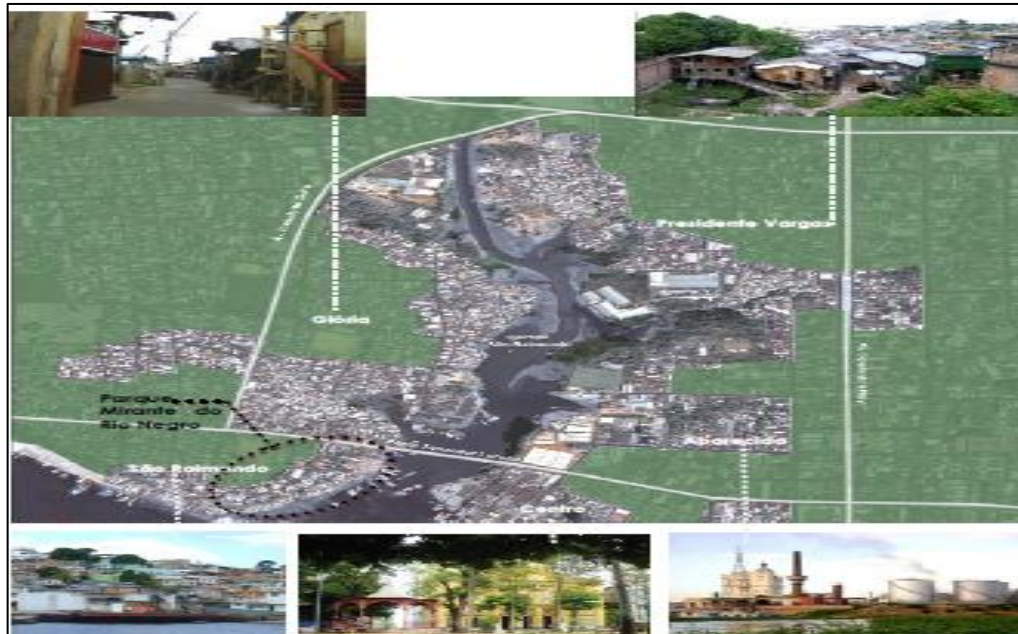


Fonte: Concremat Engenharia, 2013.

No intuito de reorganizar o espaço apresentado no mapa da figura 5, principalmente a orla do bairro, criou-se o Parque Mirante do Rio Negro, com 750 metros na orla, ocupando

uma área de 36.590 m² (Figura 5), representando um plano de requalificação, recuperação e potencialização da área da orla do bairro São Raimundo.

Figura 6: Área de Intervenção no Igarapé São Raimundo e Caracterização do Entorno



Fonte: Concremat Engenharia, 2013.

Desde o surgimento dos primeiros aglomerados no Bairro São Raimundo, a bacia do São Raimundo, a destacar, o seu curso principal, sofreu intensas transformações socioespaciais. O local onde foi implantando o Parque, foi uma das paisagens que sofreram bastante alterações ao longo do tempo.

A preferência pela ocupação no entorno dos igarapés em Manaus, principalmente na área de estudo antes da revitalização a da área, estar relacionado com a localização: próximo ao rio e ao centro da cidade.

De acordo com Tocantins (2000), o rio comanda a vida no Amazonas. Essa relação é bastante comum também nas cidades, representada pelas palafitas no entorno dos cursos d'águas, em bairros adjacentes aos centros, a exemplo, o bairro do São Raimundo.

Antes da revitalização do Parque, quando as embarcações chegavam principalmente dos municípios do interior do estado para a cidade de Manaus, os moradores que residiam no local, utilizavam o espaço não só para moradia, mas também para trocas comerciais na orla, principalmente com pessoas que desembarcavam de barcos que atracavam na mesma, para comercializar produtos no próprio bairro e também no centro de Manaus.

Após a revitalização do Parque, os moradores das proximidades, de bairros no entorno, e até de bairros mais longínquos, passaram a consumir o espaço de uma maneira

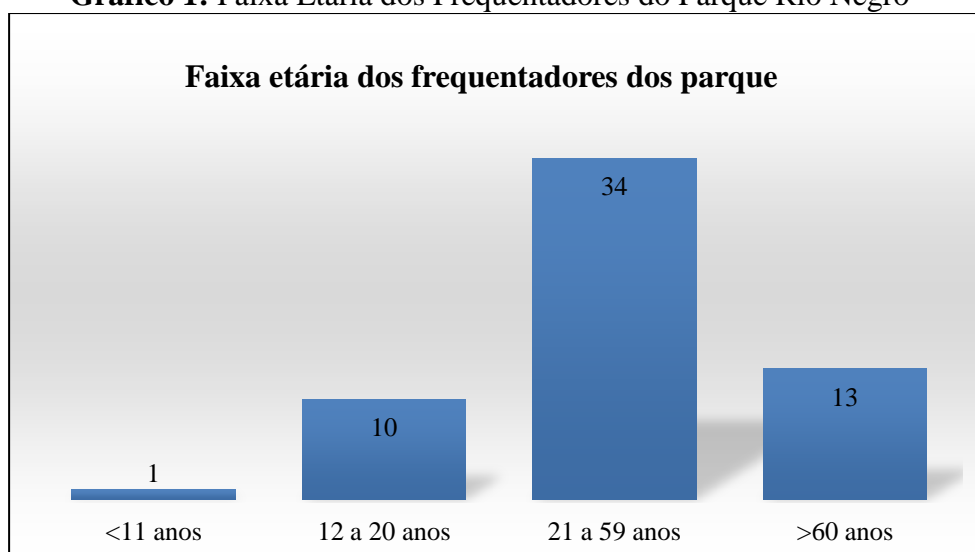
diferente daquele do passado. O rio passou a ser contemplado pela sua natureza, como um elemento da paisagem, com sentido imaterial de troca.

A revitalização do Parque embelezou a orla da cidade, transformou o espaço em uma paisagem de consumo, de diferentes classes sociais, faixas-etárias e afinidades. O Parque é um ponto de encontro da natureza em meio aos movimentos dos carros, do asfalto, da vida urbana.

4.3 FREQUENTADORES DO PARQUE RIO NEGRO

De acordo com o levantamento de campo, constatou-se que a faixa etária dos frequentadores do parque é diversificada. Foram entrevistadas 58 pessoas, das quais 34 eram adultos, correspondendo a 59% dos entrevistados, 13 idosos, totalizando 22%, 10 adolescentes, com um percentual de 17%, e finalizando com 1 criança, perfazendo 2% do total de entrevistados, conforme apresentado no Gráfico 1.

Gráfico 1: Faixa Etária dos Frequentadores do Parque Rio Negro



Fonte: Trabalhos de campo, 2018.

Elaboração: Rafael Rios, 2018.

Nota-se que as maiores porcentagens apresentadas no Gráfico 1 são de adultos e idosos, devido a hoje se valorizar as atividades físicas como proporcionadoras de saúde. Por esta razão os adultos e idosos veem nos espaços públicos, como por exemplo, os parques, locais adequados nos quais eles possam fazer algum tipo de exercício físico como a caminhada, e uma forma de sair do sedentarismo que os respectivos trabalhos no cotidiano lhes impõem.

Hoje o sedentarismo se tornou uma questão de saúde pública, porque chegou-se a conclusão que muitas doenças poderiam ser evitadas se houvessem a prática de atividades físicas, estas também proporcionam melhor qualidade de vida aos idosos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima que, em 2025, cerca de 700 milhões de adultos no mundo sejam obesos e 2,3 milhões estejam com sobrepeso. No Brasil, a obesidade é um dos problemas que mais afeta a população.²

Tal constatação levou as autoridades governamentais a criarem programas de academia de atividade física ao ar livre. Em geral elas são instaladas em praças e parques, e não foi diferente com o Parque Rio Negro, o qual abriga equipamentos utilizados em exercícios físicos (Figuras 7 e 8).

Figura 7: Equipamentos de Ginástica do Parque Rio Negro



Fonte: Rafael Rios, 2018.

² Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5527:obesidade-entre-criancas-e-adolescentes-aumentou-dez-vezes-em-quatro-decadas-revela-novo-estudo-do-imperial-college-london-e-da-oms&Itemid=820

Figura 8: Equipamentos de Ginástica do Parque Rio Negro



Fonte: Rafael Rios, 2018.

Isto denota que os parques agora permitem novos usos, se antes eram os lugares de encontro das pessoas, de lazer, de convívio social, hoje além desses atributos agrega as atividades físicas, esportivas e comerciais, como ocorre no Parque Rio Negro. Considerando-se que o espaço muda sua forma, estrutura e função ao longo do tempo, de acordo com as necessidades sociais vigentes em cada época, conforme argumenta Santos (2008):

A forma pode ser imperfeitamente definida como uma estrutura técnica ou objeto responsável pela execução de determinada função. As formas são governadas pelo presente, e conquanto se costume ignorar o seu passado, este continua a ser parte integrante da forma. Estas surgiram dotadas de certos contornos e finalidades-funções, (SANTOS, 2008, p. 69).

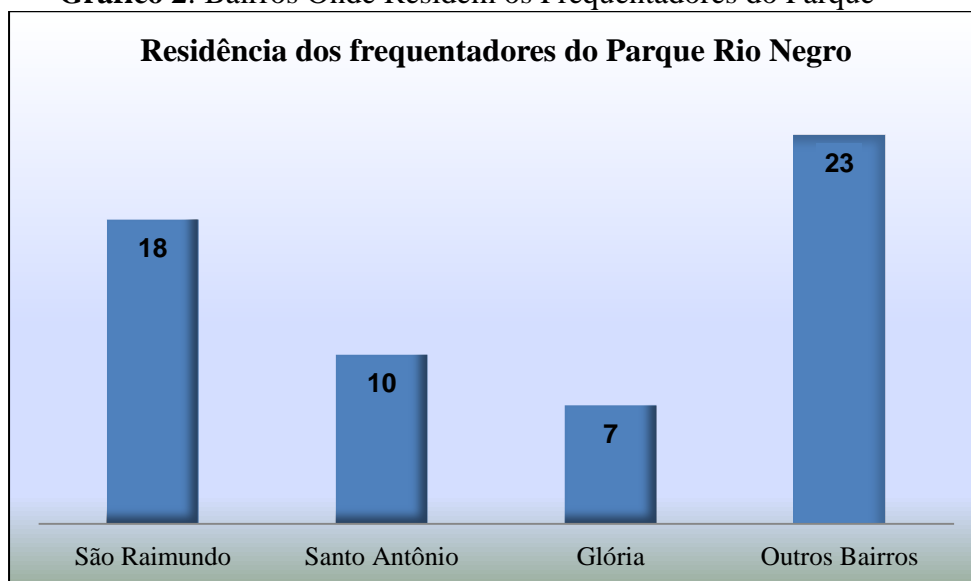
Considerando que a estrutura se refere "a natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento do tempo" (CORRÊA, 1986, p.77), a forma como "o aspecto visível de uma coisa, se refere ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão" (SANTOS, 1992, p.50), a função sendo um papel/tarefa exercido por uma forma (CORRÊA, 1995), constituído de conteúdos em conformidade com a função das estruturas espaciais.

Na interpretação de Lefebvre (2001), a forma, função e estrutura são influenciados pelos elementos físicos e sociais e estas são analisadas a luz de suas funções internas e externas. Assim sendo:

[...] as funções de cada cidade – no conjunto social (divisão técnica e social do trabalho entre as cidades, redes diversas de relações, hierarquias administrativas e políticas). O mesmo em relação *às estruturas*. Existe a estrutura da cidade (de cada cidade, morfológica e socialmente, topológica e topicamente) [...] (LEFEBVRE, 2001, p. 65).

A estrutura do parque é utilizada para diversos fins, apresentando uma função na cidade, principalmente para atividade física. E o parque com essa função recebe a demanda, em sua maioria, nos moradores do próprio bairro São Raimundo, correspondendo a 31% dos entrevistados 18 pessoas. Além do bairro do São Raimundo, existe a procura dos bairros próximos a este, a destacar os oriundos do bairro da Glória com 17%, 10 frequentadores, do bairro de Santo Antônio com 13%, correspondendo a 7 frequentadores, outros bairros juntos somam 39%, 23 frequentadores de diversas zonas da cidade, conforme os dados apresentados no Gráfico 2.

Gráfico 2: Bairros Onde Residem os Frequentadores do Parque



Fonte: Trabalhos de campo, 2018.

Elaboração: Rafael Rios, 2018.

Esses dados demonstram a necessidade da população local por áreas de lazer, haja vista, que o Parque Rio Negro é frequentado, dependendo do dia da semana, os finais de semana e feriados o fluxo de pessoas é maior. É mais um espaço disponível para o convívio social, portanto, utilizado pelos moradores locais e adjacências. Espaço este que foi palco de transformações, o qual possuía outras funções. Assim, anteriormente esta área, onde foi edificado o Parque, era usada como moradia, por pessoas de baixa renda, as quais moravam em casas sobre palafitas às margens do rio, posteriormente serviu de área para atracar (ancorar) as embarcações (Figura 9).

Figura 9: Orla do bairro do São Raimundo (1990)



Fonte: <http://manausdeantigamente.blogspot.com>, 2013.

A área demonstrada na figura 9, era um lugar de troca, onde o comércio de hortifrúti e de peixes eram realizados para abastecer o comércio do bairro São Raimundo, e bairros adjacências. De acordo com os entrevistados, esse local apresentava perigo de assaltos e vendas de drogas, cujo frequentadores eram de uma classe social baixa.

Hoje o Parque Rio Negro é frequentado por pessoas de diversos níveis sociais. Com isso, este lugar tem mudado estrutura, forma, função e conteúdo. As interações complexas entre a estrutura, forma, função e conteúdo, refuncionalizaram a área do Parque. Para Corrêa (2016, p.131).

A refuncionalização traduz-se na existência de formas espaciais criadas no passado e exercendo funções no presente. É o resultado de processos pretéritos que não mais atuam sobre as formas espaciais por eles criadas. Estas passam a realizar funções do presente, sendo assim, refuncionalizadas. Deste modo o passado inscreve-se em outra temporalidade por meio de formas espaciais de tempo pretéritos (CORRÊA, 2016, p. 131).

Essas formas espaciais refuncionalizadas podem ser entendidas dentro da divisão triádica do espaço social por Lefebvre (1974), onde a prática social está relacionada com o uso de praças e ruas, tratando dessa prática no contexto da cidade. Neste sentido, os lugares citados podem corresponder a *lôcus* de lazer mais próximo a vida cotidiana, e para diferentes usos.

A refuncionalização do parque permitiu a sua utilização para diferentes fins, principalmente o lazer, ou seja, o espaço foi democratizado para pessoas com diferentes faixas-etárias, sexo, classe social, deficiência (Figura 10) entre outros.

Figura 10: Sinalização para Pessoas com Deficiência no Parque Rio Negro



Fonte: Rafael Rios, 2018.

Os parques, portanto, são também os espaços do encontro, esse encontro seriam as relações sociais propícias nesses ambientes, relações estas familiares, de amizades e amores, como se tratam de lugares para onde convergem as pessoas por diferentes motivos, tornam-se com isso lugares com a possibilidade de desenvolvimento comercial como assevera Lefebvre (2001):

[...] As necessidades urbanas específicas não seriam necessidades de lugares qualificados, lugares de simultaneidade e de encontros, lugares onde a troca não seria tomada pelo valor de troca, pelo comércio e pelo lucro? Não seria também a necessidade de um tempo desses encontros, dessas trocas? (LEFEBVRE, 2001, p. 105-106).

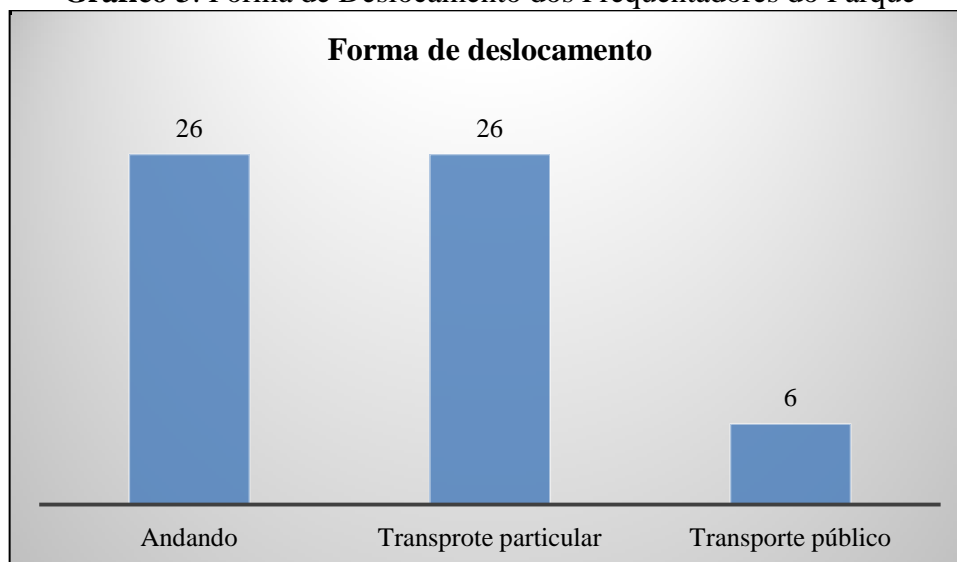
Assim, os espaços públicos são lugares excepcionais da cidade, lugares que recebem uma diversidade de pessoas para usos diversos – principalmente pelas trocas imateriais – transformando um espaço público como um lugar de encontro de lazer, da festa, (LEFEBVRE, 2001).

Portanto, o direito à cidade se refere de forma ampla: o direito à liberdade, à privacidade, à localização, ao habitar, a moradia e porque não ao lazer e às diversas formas de encontros? O lazer está inserido na cidade como obra, na imaterialidade da construção do sujeito e objeto (LEFEBVRE, 1978).

Através do levantamento de campo, verificou-se que os frequentadores do Parque Rio Negro usam formas diversificadas para se deslocar até o mesmo, 45% dos frequentadores, 26 pessoas, se deslocam caminhando, por residirem nas proximidades do Parque, também com

45%, 26 pessoas, com a utilização do transporte particular, e 10% dos frequentadores, 6 pessoas, utilizam o transporte público, esses dados estão demonstrados no Gráfico 3.

Gráfico 3: Forma de Deslocamento dos Frequentadores do Parque



Fonte: Trabalhos de campo, 2018.

Elaboração: Rafael Rios, 2018.

A partir desses dados é possível inferir que os espaços públicos são mais apropriados por pessoas com renda média e alta. A população de baixa renda faz uso desses espaços quando estão próximos de suas residências. Isto porque, mesmo os espaços públicos demandam custos de deslocamentos (Gráfico 3) para se ter acesso a eles e consumo de produtos que são comercializados nestes espaços. Desta feita, Santos (1982) argumenta que:

[...] se a sociedade (a totalidade social) sofre uma mudança, as formas ou objetos geográficos assumem novas funções; a totalidade da mutação cria uma nova organização espacial. Em qualquer ponto do tempo, o modo de funcionamento da estrutura social atribui determinados valores às formas. (SANTOS, 1982, p. 67).

Interpretando as palavras de Santos (1982), é possível inferir que a implantação do Parque na orla do bairro São Raimundo trouxe novas funções para o local, atraindo diferentes classes sociais, onde a classe baixa faz uso do local pelo fator proximidade, ou seja, nas palavras de Santos (1978, p. 81), “cada homem vale pelo lugar onde está. O seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende de sua localização no território [...] A possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está”.

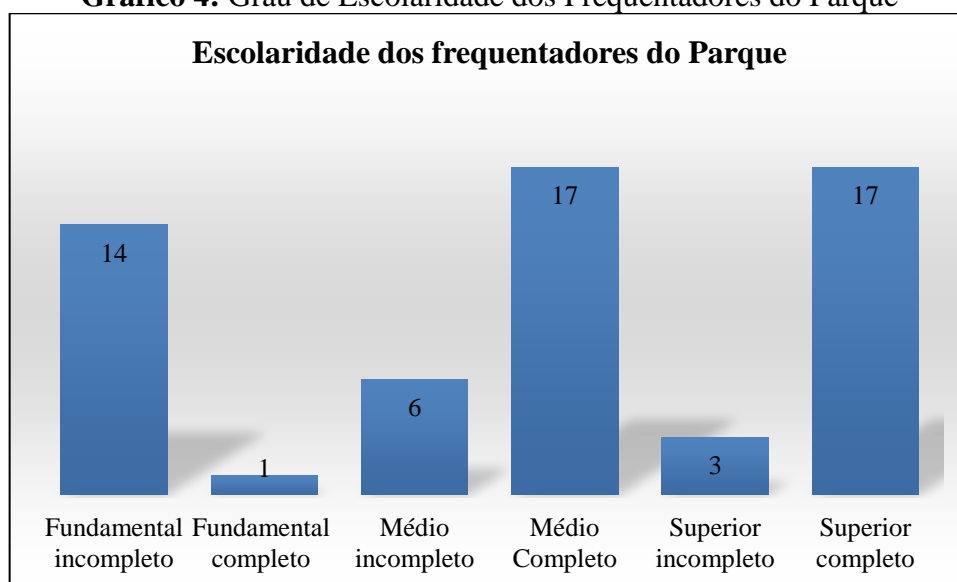
Se considerarmos a disposição das zonas da cidade de Manaus, bem como seus aspectos sociais e econômicos, existe uma segregação no uso da área de lazer, ou seja, as

peças com menor poder aquisitivo residentes das zonas periféricas, e, portanto, mas longínquas do Parque, não fazem uso do mesmo.

Para Maricato (2003) e Mendonça (2006), a segregação colabora para a ampliação das distâncias físicas e sociais, se configurando em verdadeiras barreiras simbólicas. Essas barreiras privilegiam as classes médias e altas que residem nos bairros mais distantes do parque, principalmente pelo acesso a transportes particulares (RIBEIRO, 2005).

No que se refere ao grau de escolaridade desses frequentadores do Parque, verificou-se que 29% dos entrevistados têm curso Superior completo, correspondendo a 17 pessoas; já 5% dos frequentadores, 3 pessoas, possuem o superior incompleto; outros 29% têm nível médio completo; com 10%, ou seja, 6 pessoas, possuem o ensino médio incompleto; enquanto 2%, apenas 1 pessoa, com fundamental completo; finalizando com 24%, 14 pessoas, com fundamental incompleto, conforme apresentado no Gráfico 4.

Gráfico 4: Grau de Escolaridade dos Frequentadores do Parque



Fonte: Trabalhos de campo, 2018.

Elaboração: Rafael Rios, 2018

O fato de as pessoas de maior grau de escolaridade representarem o maior número de frequentadores se deve ao fato dessas pessoas terem maior conhecimento de que a atividade física é importante para a manutenção da saúde. Por isso o uso do parque para esse tipo de atividade.

O parque recebe o Programa Academia da Saúde, o qual é regido pela Portaria de Consolidação nº 5, de 28 de setembro de 2017 e Portaria de Consolidação nº 6, de 28 de setembro de 2017³.

O Programa Academia da Saúde é uma estratégia de promoção da saúde e produção do cuidado para os municípios brasileiros que foi lançado em 2011. Seu objetivo é promover práticas corporais e atividade física, promoção da alimentação saudável, educação em saúde, entre outros, além de contribuir para a produção do cuidado e de modos de vida saudáveis e sustentáveis da população. Para tanto, o Programa promove a implantação de polos do Academia da Saúde, que são espaços públicos dotados de infraestrutura, equipamentos e profissionais qualificados (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

De acordo com as observações realizadas nos trabalhos de campo, e segundo os entrevistados, o Parque não dispõe de profissionais de educação física que orientem a população, como destacado na legislação do mesmo. Cabe destacar que, a população ressaltou a falta de incentivo nesse quesito. Os entrevistados informaram que os comerciantes remuneravam um professor de zumba⁴ com o intuito de atrair a população para o parque, e assim, alavancar as vendas no local. No entanto, devido a legislação do parque, a prefeitura embargou o projeto, deixando os comerciantes e população insatisfeitos com o programa Academia da Saúde no local.

Destaca-se que, os frequentadores com o Ensino Fundamental (incompleto e completo) são frequentadores que estão saindo da idade adulta para a velhice. Esses frequentadores idosos, destes (42%) conheciam o espaço antes da implantação do Parque, e responderam a seguinte pergunta: Como era este espaço antes da construção do Parque? De acordo com as respostas, foi unânime a lembrança da intensa poluição na área em meio as palafitas.

Nas palavras dos frequentadores, o espaço antes da implantação do Parque era: Insalubre, mau cheiroso, muito lixo descartado pelas embarcações que utilizavam esse espaço como porto; Não tinha a beleza que tem agora. Muito mato, barcos sujando e poluindo as águas, lixo, óleo; Sem nenhum atrativo, sujo, muito sujo, muito urubu devido aos descartes de animais mortos pela comunidade do entorno, barcos poluindo água.

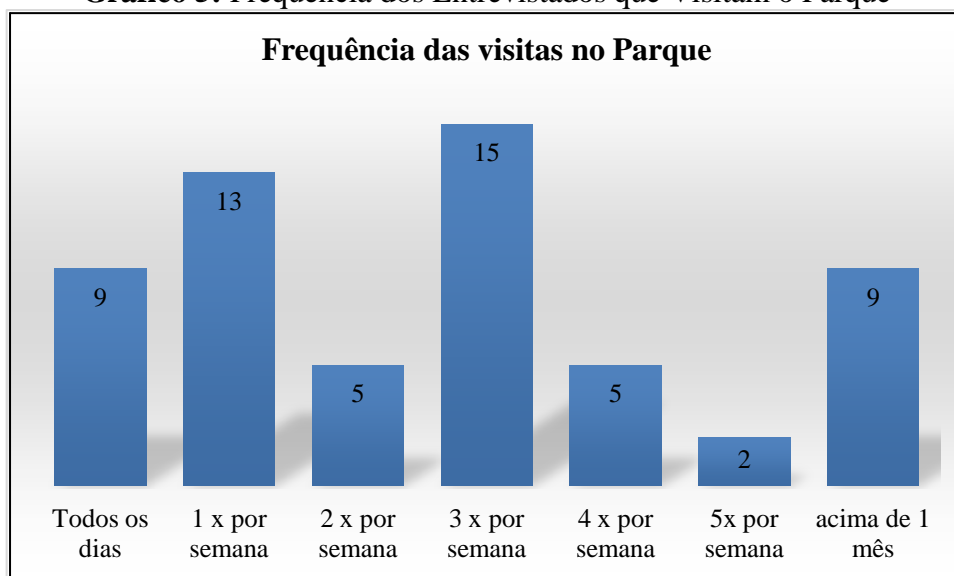
Os frequentadores que conheciam o espaço antes do Parque e dos que não conheciam o local, todos aprovaram a revitalização do Parque Rio Negro, mesmo com 3% dos frequentadores afirmarem que a obra não atendeu as suas expectativas.

³ Disponível em:
<http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_academia_saude.php?conteudo=sobre_academia>.
Acessado em 08 de Novembro de 2018.

⁴ Exercício físico inspirado em música latina.

Quanto à frequência na utilização do espaço do Parque, a maioria dos entrevistados frequenta três vezes na semana, ou seja, 15 frequentadores. Cerca de 13 pessoas frequentam o parque uma vez por semana, e todos os dias, cerca de 9 frequentadores, e intervalos acima de um mês, cerca de 9 frequentadores. Na visita de duas vezes por semana, são cerca de 5 frequentadores, e quatro vezes por semana também 5 frequentadores, já cinco vezes na semana com 2 frequentadores, todos estes permanecendo de 1 hora a 2 horas no Parque, Gráfico 5, a seguir:

Gráfico 5: Frequência dos Entrevistados que Visitam o Parque



Fonte: Trabalhos de campo, 2018.

Elaboração: Rafael Rios, 2018.

Os dias da semana mais frequentados pelos entrevistados são sexta, sábado e domingo, quando o espaço é utilizado como um refúgio da cidade, do trabalho, do trânsito. Esses espaços públicos são necessários para o bem estar da sociedade e que algumas vezes são pensados pelos urbanistas no sentido de valorizar a qualidade de vida da sociedade que vivencia o cotidiano urbano, conseqüentemente:

[...] A essas necessidades antropológicas socialmente elaboradas (isto é, ora separadas, ora reunidas, aqui comprimidas e ali hipertrofiadas) acrescentam-se necessidades específicas, que não satisfazem os equipamentos comerciais e culturais, que são mais ou menos parcimoniosamente levados em consideração pelos urbanistas [...] (LEFEVRE, 2001, p.105).

O termo parcimoniosamente, tratado por Lefebvre em relação aos urbanistas no trato com a organização do espaço, se refere à impossibilidade de agregar todos os componentes

necessários para atender a diversidade de demandas própria de uma sociedade segmentada em classes, com diferenças culturais e econômicas, por esse motivo os espaços públicos nem sempre é utilizado pela sociedade como um todo. Entretanto, mesmo que parcialmente os espaços públicos cumprem o seu papel, de embelezar paisagisticamente a cidade e serem lugares de encontro e lazer para os moradores da cidade. Corroborando com a presente afirmação, Mota (2008) destaca que:

A Preocupação com os estudos dos equipamentos de recreação e lazer deve ter como objetivos classificá-los segundo suas características físicas de construção, aspectos físicos-estéticos e dimensões proporcionais aos locais geográficos em que se encontram, como também agradar aos olhos de quem os utiliza, inspirando confiança, (MOTA, 2008, p.41).

No caso do Parque Rio Negro, os aspectos geográficos são inseridos dentro dessas necessidades no tocante ao reencontro das pessoas com a natureza (Figura 11). Manaus por ser margeada por rios e em seu perímetro conter vários igarapés, esses elementos naturais compõem a paisagem da cidade, auferindo a mesma um grande potencial em termos de beleza cênica natural. Mas esse atributo só poderá materializar-se no espaço urbano se houver investimento do Estado e prefeitura nesses espaços públicos.

Nesse sentido, cabe resgatar as definições de paisagem e beleza cênica. Conforme Santos (2004) afirma, “A paisagem é o conjunto daquilo que podemos visualizar naquele momento, podendo trazer sensação desagradável ou agradável”. Quanto à beleza cênica natural, Santos (2004) considera que esta pode ser definida como “o resultado visual e audível harmônico agradável formado pelo conjunto dos fatores naturais de um local ou paisagem” ou ainda “o resultado da representação cênica da Natureza”.

Figura 11: Parque do Rio Negro com Vista para o Rio Negro



Fonte: Rafael Rios, 2018.

Segundo os entrevistados, o lazer é considerado o principal motivo que induz as pessoas a frequentarem o Parque Rio Negro e, principalmente, a permanecerem no local. O lazer está associado as atividades físicas, totalizando a resposta de 58 entrevistados. Algumas falas enfatizaram essa motivação, Caminhar ao ar livre, olhar com saudosismo; Olhar a paisagem escutando música; A organização do espaço, mudança da paisagem, utilização desse espaço pela comunidade; Praticar exercícios, tirar o stress do dia; O acesso à natureza, compondo uma paisagem híbrida formada por elementos naturais e artificiais e constituindo uma beleza cênica única, assim, a beleza cênica.

É formada assim pelo cenário harmônico criado pelos bens da Natureza, que compreendem os bens visíveis e invisíveis como os sons, já que um pode completar o outro formando uma sensação única harmoniosa daquele local. A beleza cênica é, portanto, um dos atributos da paisagem e um dos fatores determinantes de sua valorização e utilização principalmente pelo ramo turístico, [...] (SANTOS, 2004, p.44).

Santos (2004) enfatiza o fato de que a beleza cênica de um lugar pode transformar-se num potencial econômico, porque pode atrair turistas que valorizam os aspectos naturais, além de promover a valorização do espaço, beneficiando os moradores das adjacências desses espaços públicos, porque seus imóveis tornam-se mais valorizados também.

Segundo as afirmações dos entrevistados, a revitalização do espaço onde está localizado o Parque é um reencontro com a natureza, principalmente com rio, a fim de contemplar a paisagem, olhar para o rio e exercitar-se. Além dos aspectos positivos declarados nas falas dos frequentadores, aspectos negativos também foram levantados, como apresentado no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Parque Rio Negro: Aspectos Positivos e Negativos segundo os frequentadores do parque

Aspectos Positivos	Nº de Frequentadores	%	Aspectos Negativos	Nº de Frequentadores	%
Tranquilidade	5	8	Insegurança em alguns horários	6	11
Utilização do Parque para diversos fins	20	35	Falta de diversidade de atividades físicas e culturais	21	37
Proximidade da residência	10	17	Manutenção do local	10	17
Contato com a natureza	20	35	Falta de opção de alimentação	10	17
Segurança	3	5	Falta de arborização	4	6
			Falta de vagas de estacionamento	1	1
			Falta de limpeza do Rio Negro	6	11

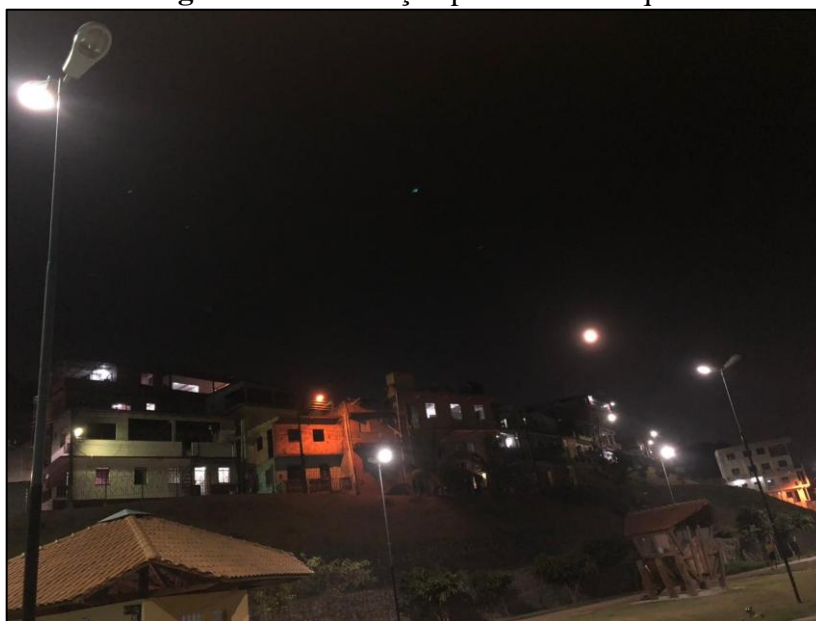
Fonte: Trabalhos de campo, 2018.

Elaboração: Rafael Rios, 2018.

Cabe ressaltar que, no quadro acima existe uma contradição, ou seja, não a um consenso nas respostas dos entrevistados no que diz respeito a segurança do Parque. Cerca de 11% dos entrevistados afirmaram que um dos aspectos negativos do Parque era a insegurança no local, contra 5% dos entrevistados afirmando como um dos aspectos positivos da referida área de lazer, viam segurança no quesito frequentar o Parque. Nos trabalhos de campo foi observado que, as pessoas que responderam o aspecto negativo a falta de segurança, são frequentadores que tem carro particular, e teoricamente pertencem a classe de maior poder aquisitivo, e não frequentam de maneira assídua o local.

Consoante com as respostas dos frequentadores, referente aos aspectos negativos do Parque, a ausência de manutenção do local é um fato nítido, a destacar, a ausência de iluminação suficiente (Figura 12), que apresenta insegurança para os frequentadores, assentos e aparelhos de exercícios físicos quebrados.

Figura 12: Iluminação pública do Parque



Fonte: Rafael Rios, 2018

Além da ausência de manutenção periódica no Parque, ressaltado pelos frequentadores, foram citados também a carência de eventos na área, fato que afasta os frequentadores. Essas também endossam a manifestação descontente dos comerciantes do Parque. Para Mota (2008, p. 41) a “[...] falta de uma política de animação cultural e lazer, utilizando esses equipamentos, e natureza uma preocupação com a manutenção e preservação dos mesmos [...]”. A ausência de políticas públicas de atração de usuários do parque, também são endossadas pelos comerciantes do parque.

4.4 O COMÉRCIO DO PARQUE

No espaço do Parque estão implantados alguns quiosques, além de comércios informais dentro e fora do parque, especificamente nas residências no seu entorno. Durante os trabalhos de campo, foram realizadas algumas perguntas para os comerciantes para entender a relação dos comerciantes com a área de estudo. Considerando que dos 10 quiosques localizados dentro do Parque (Figura 13), apenas 4 estavam abertos: venda de açaí, venda de água e refrigerante, tacacá, pizza e guaraná.

Figura 13: Quiosques do Parque Rio Negro

Fonte: Rafael Rios, 2018

De acordo com as indagações realizadas nos quiosques citados, os comerciantes declararam que a demanda/público do parque era numeroso nos primeiros meses após a inauguração do mesmo. No entanto, ao longo dos anos, a procura do público no local reduziu, influenciando de forma direta na permanência dos quiosques abertos.

Segundo os comerciantes dos quiosques, e os demais locais de venda (venda de bombom na residência do entorno e carro de pipoca), os principais fatores que justificam a ausência de público no Parque, se dá principalmente pela carência de eventos para atrair a população para o mesmo, além de brinquedos para as crianças, considerando que é significativa as presenças destas no parque. Além dos fatores citados, os comerciantes citaram que a insegurança é uma das razões que afasta a população, principalmente após às 19 horas.

Destaca-se que os comerciantes entrevistados responderam de forma unânime que, o parque influenciou de forma direta na comercialização dos seus produtos, haja a vista que sem o mesmo não teria como fixarem seus estabelecimentos comerciais, principalmente os quiosques.

Desta feita, o Parque Rio Negro pode potencializar dos setores da economia o comércio e o turismo, em uma cidade tão carente de mercado de trabalho, o parque pode proporcionar estas possibilidades de emprego nesses setores, mas para isso é necessário que o poder público faça a manutenção frequente e necessária dos equipamentos do lugar e crie mecanismos de atração de pessoas para o mesmo, através da promoção de eventos, no qual um outro setor poderia ser beneficiado, a atividade artística, música, danças, todas as formas

de manifestações culturais, tem do em vista que a sociedade também necessita dessas atividades como forma de lazer.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o crescimento das cidades, e conseqüentemente, a redução das áreas verdes e de lazer, os parques urbanos transformam-se em verdadeiras “ilhas” na cidade, se configurando como um espaço de diferentes usos: lazer, prática esportiva, reencontro com a natureza, entre outros.

O Parque do Rio Negro se estabelece na cidade de Manaus como um projeto de requalificação e revitalização da orla do Rio Negro, no trecho do seu curso que abrange o bairro São Raimundo, espaço esse que configura o reencontro dos manauaras com a natureza – principalmente com o rio –, em uma cidade localizada no âmago da maior floresta tropical e bacia hidrográfica do mundo. Entretanto a população local, com o passar do tempo, foi perdendo a sua conexão com rio, como elemento de lazer, em decorrência da expansão da cidade. Esse fato contraditório dá-se pela inserção da cidade na economia nacional, que a transformou na metrópole da Amazônia na última década, cujo o crescimento populacional ocorreu sem o devido planejamento.

A requalificação de espaços como esse, de certa forma, é uma maneira de resgatar símbolos e significados perdidos ao longo do processo de urbanização, com o foco na qualidade de vida. Essa afirmação foi confirmada no presente trabalho a partir do levantamento de campo, em entrevistas aos frequentadores que residem no bairro do São Raimundo, e bairros do entorno.

De acordo com os frequentadores do parque, a escolha pela visita no local dá-se pela proximidade das suas residências, pela estrutura do parque, pela localização e pela possibilidade de ter um espaço com segurança, com local para atividades esportivas livres e principalmente, de contemplação da natureza. Esses atributos influenciam na frequência variada de visitas no parque – de um a sete dias na semana-, uma procura significativa por este espaço.

Os frequentadores do parque são de diferentes classes sociais, faixa-etárias e sexo, o que demonstra a diversidade na busca por lazer e esporte no parque, tornando a visita frequente no parque, principalmente das pessoas residem no bairro do São Raimundo, e bairros adjacências

Mesmo com a procura, e consagração do local por parte dos frequentadores, também foram mencionados pontos negativos na infraestrutura do mesmo, como a falta de segurança – mesmo sendo contraditório na fala dos entrevistados –, e a ausência de manutenção no local, foram os principais entraves citados pelos frequentadores do parque. Por parte dos

comerciantes, fora citado a ausência de eventos no local, fator que poderia atrair público, e consequentemente, demanda para os produtos à venda nos quiosques disponibilizados ao longo do Parque.

Para tanto, respondendo aos objetivos da presente pesquisa, é possível atestar que a finalidade do poder público em reorganizar o espaço da orla do Parque Rio Negro, era de fornecer um espaço de lazer em meio a um urbano, considerando a necessidade do mesmo em meio a ausência de organização da cidade. Neste sentido, observou-se que o parque atende em parte aos interesses dos frequentadores e moradores do entorno do parque, o qual poderia oferecer outras atividades de lazer além das já existentes. Esse fato decorre da ausência de políticas públicas voltadas para o lazer e o esporte, que acabam afastando os frequentadores do parque, desvalorizando o espaço. Prejudicando a atividade dos comerciantes locais em suas vendas de produtos, em decorrência da diminuição da quantidade de frequentadores do parque.

Portanto, a relação da sociedade com o espaço do Parque Rio Negro foi alterada ao longo do tempo, consequência do processo de requalificação do espaço, transformando essas relações diversificadas. Mesmo com pontos negativos ressaltado pelos frequentadores no Parque, ter disponível uma “porta” para o rio, é um ponto positivo que se sobressai perante aos negativos, segundo os frequentadores do parque.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, A. V. **São Raimundo dos meus amores**. Manaus: Sociedade de Televisão Ajuricaba, 1985.
- ARANTES, O. F; MARICATO, E.; VAINER, C. B. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ÁVILA, S. A. **Cidade como Personagem no Cinema**. 2011. 150f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2011.
- BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.
- CORREA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. **O espaço urbano**. 3 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- _____. Processos, Formas e interações espaciais. **R. Bras. Geogr.**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 127-134, jan./jun. 2016.
- COSTA, H. S. M. (Org.) **Novas periferias metropolitanas: A expansão metropolitana em Belo Horizonte – dinâmica e especificidades no eixo Sul**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2006.
- EMÍDIO, T. **Meio ambiente & paisagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- FERREIRA, M; FIAMENGHI, P. E.; TAVEIRA, M. **Relatório de Requalificação Urbanística do Parque Rio Negro**. Manaus-AM: SRMM, 2013.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisas**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- _____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- IBGE, Instituto Brasileiro de geografia e Estatística. **Brasil em Síntese (2010)**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 06 nov. 2018.
- LEFEBVRE, H. **De l'État, tome IV: les contradictions de l'État moderne**. Paris: Union Générale d'Éditions, 1978.
- _____. **La survie du capitalisme: la re-production des rapports de production**. Barcelona: Ediciones Península, 1976 [1973].
- _____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- _____. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- _____. **La production de l'espace**. 4 ed. Paris: Anthropos, 2000 [1974].

_____. Industrialização e urbanização. In: **O direito a cidade**, São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, A. M. L. Problemas na utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Arborização Urbana**. São Luís. EMATER/MA, p. 539.533, 1994.

LOBODA, C. R; ANGELIS, B. L. D. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. **Guarapuava**, PR. v.1 n. 1, p.125-139, jun./jun., 2005.

MACEDO, S. S; SAKATA, F. G. **Parques urbanos no Brasil**: São Paulo: Edusp/Imprensa oficial de São Paulo, 2002.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARICATO, E. Metrôpole, legislação e desigualdade. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 48, p. 151-168, 2003.

MENDONÇA, J. G.; PERPÉTUO, I. H. A metrópole Belo-Horizontina em expansão: Periferização da riqueza ou polarização social? Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/6520186.pdf>. Acesso em 12 de Out.2018.

MORAES, A. C.; COSTA, W. M. **A valorização do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MORAES, A. C. R. **Geografia**: Pequena História Crítica. 20 ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MOTA, V. S. **Espaços públicos de Lazer em Manaus**: O papel das políticas públicas. Manaus-AM: Editora Valer, 2008.

OLIVEIRA, J. **Crônicas da minha (c)idade**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

RODRIGUES, A. M. Conceito e definição de cidades. In: OLIVEIRA, J. A. (Org.). **Cidades Brasileiras**: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

RIBEIRO, L. C. K; SANTOS JÚNIOR, O. A. Democracia e Cidade: Divisão social da cidade e cidadania na sociedade brasileira. **Análise Social**, v. 60, p. 87-109, 2005.

SANTOS, A. S. **Beleza Cênica como Patrimônio Natural**. São Paulo: Jornal Estado de São Paulo, 23 de novembro de 2004.

SANTOS, Milton. **Pobreza urbana**. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitc, 1982.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Espaço e Método**. 5 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4 ed 7ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. [1996].

SJOBORG, G. Origem e Evolução das cidades. In: **Cidades: A urbanização da humanidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

SOUZA, E. **Do “Alto” da minha Colina: sem os bucheiros do bairro de São Raimundo perdeu o encantamento**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008.

SILVA, A. M. R. **Requalificação urbana: O exemplo da intervenção Polis em Leiria**. 2011. 174f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Curso de Geografia – Faculdade de Letras, 2011.

SOJA, E. W. **Geografias Pós-Modernas**. A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalização e urbanização**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

TOCANTINS, L. **O rio comanda a vida**. Manaus: Editora Valer/Edições Governo do Estado, 2000.

WENDEL, H. **O direito à natureza da cidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.